

A presença cisterciense no espaço urbano: o caso de antigo Convento das Bernardas de Tavira

Catarina Almeida Marado
CES-UC / FCHS-UALG
acmarado@ualg.pt

RESUMO

Os monges cistercienses instalaram-se em lugares isolados, preferencialmente em vales férteis e na proximidade de linhas de água. Por outro lado, nas casas femininas esta procura de isolamento não é tão evidente, verificando-se uma maior proximidade aos centros urbanos. Neste artigo prende-se explorar alguns dos aspectos deste fenómeno, com o objectivo de contribuir para o conhecimento da relação que as comunidades femininas estabeleceram com os espaços urbanos. Para tal, analisaremos um caso específico da presença feminina da Ordem de Cister numa cidade. Trata-se do Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade fundado em Tavira na primeira metade do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE

Ordem de Cister, Ordem de Santa Clara, mosteiros femininos, critérios de localização, Portugal, Tavira

ABSTRACT

The Cistercian monks settled in isolated places, preferably in fertile valleys and close to rivers. On the other hand, the nuns have settled closer to the urban centers. Their search for isolation was not so obvious. In this article some of the aspects of this phenomenon will be analyzed. The aim is to contribute to the knowledge of the relationship between the women's communities and the urban spaces. To this end, we will analyze a specific case of the female Cistercian presence in a city: the Monastery of Nossa Senhora da Piedade founded in Tavira in the first half of the 16th century.

KEYWORDS

Cistercians, Poor Clare sisters, nunneries, settlement criteria, Portugal, Tavira

O Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade – também conhecido como Convento das Bernardas – foi a primeira casa feminina a ser fundada no Algarve e a única presença duradoura de uma comunidade monástica nesta região. Foi também o último edifício regular a ser encerrado em território algarvio. Por essa razão, tanto o seu processo de extinção como o de atribuição de um novo uso são de extrema importância para o conhecimento da gestão dos bens das extintas comunidades religiosas nesta região. Este edifício tem assim um particular significado no contexto das casas monástico-conventuais do Algarve. No entanto, a razão pela qual o escolhemos como caso de estudo para esta breve reflexão prende-se com o fato de este ter sido fundado junto a um núcleo urbano. Interessa-nos portanto, através deste exemplar da arquitectura cisterciense, discutir a presença religiosa feminina no espaço urbano.

Os mosteiros e os conventos masculinos de qualquer ordem religiosa diferem consideravelmente das casas regulares femininas, quer na tipologia dos edifícios quer na forma como estes se relacionam com o espaço exterior. Essa diferença é também bastante evidente nas características dos sítios onde se instalaram. No caso da Ordem de Cister, enquanto as comunidades masculinas escolheram lugares isolados e afastados dos centros urbanos para implantar os seus mosteiros, as fundações femininas não traduzem esta tendência de isolamento de forma tão evidente. Relativamente a este aspecto, Virgolino Jorge refere que:

“contrariando esta primitiva concepção de vida regular monástica (*saeculi actibus se facere alienum*), que exigia locais recônditos, florestados e abundantes em água, propícios à experiência mística e ao trabalho, a maioria das comunidades femininas estabeleceu-se em zonas férteis de grande beleza natural, mas próximas de povoações (Odivelas, Tavira, Portalegre, Mocambo, Xabregas, Celas e Cástris) ou relativamente abertas à circulação (Arouca, Almoester e Cós)” (JORGE 1999: 856).

De facto, olhando para a distribuição territorial da Ordem de Cister em Portugal podemos verificar uma maior aproximação dos mosteiros do ramo feminino aos principais núcleos urbanos (COCHERIL 1978). A relação de proximidade entre as comunidades de religiosas e os meios urbanos tem sido alvo de diversos estudos. Tal como Virgolino Jorge, muitos outros autores têm abordado este tema, quer através do estudo de casos específicos (GOMES 2004) quer por meio de leitura mais abrangentes (MARTINS 2011). Porém, para compreender o fenómeno de aproximação das comunidades femininas cistercienses ao mundo urbano seria necessário um estudo aprofundado das características espaciais dos sítios escolhidos para a fundação das suas casas e dos contextos sociais, económicos, políticos, religiosos e urbanísticos em que elas ocorreram. Uma tarefa que não cabe no âmbito deste breve texto. No entanto através da análise de um caso particular - o Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Tavira - pretendemos apresentar um pequeno contributo para este tema.

Antes de procedermos à análise das características de localização desta casa monástica importa em primeiro lugar verificar a sua origem. Relativamente a este aspecto, os mosteiros femininos

cistercienses, assim como os de outras ordens religiosas, podem ser divididos em três grupos. O primeiro onde se incluem as casas fundadas em edifícios construídos de raiz para albergar monjas cistercienses. Como, por exemplo, os mosteiros de Celas, de Almoester e de Odivelas. Todos eles foram fundados para religiosas da Ordem de Cister, embora o primeiro tenha acolhido uma comunidade de beatas transferidas de Alenquer. O segundo grupo é composto pelos mosteiros que se fundaram em edifícios regulares existentes, recebidos de outras comunidades religiosas, femininas ou masculinas. Os mosteiros ducentistas de São Mamede de Lorvão, de São Pedro e São Paulo de Arouca, de São Salvador de Bouças inserem-se nesta categoria, assim como o de Nossa Senhora da Piedade de Tavira, que aqui no propusemos analisar. A substituição de comunidades num mesmo edifício ocorreu com alguma frequência, particularmente no caso das casas femininas. Finalmente, o terceiro grupo é formado por aquelas casas que surgiram a partir da integração de comunidades de mulheres reclusas e como tal foram também fundados sobre edifícios existentes. A este conjunto pertencem, por exemplo, os mosteiros de São Bento de Cástris, fundado no século XIII, e as casas mais tardias de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo e de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa. Em Portugal, assim como no resto da Europa, uma parte das fundações femininas de algumas das ordens religiosas tiveram origem em grupos de mulheres penitentes. A Ordem de São Domingos, por exemplo, também integrou muitos destes recolhimentos. Os conventos de São Domingos das Donas em Santarém, o do Salvador em Lisboa, e os de Nossa Senhora do Paraíso e de Santa Catarina de Sena em Évora surgiram a partir de casas de reclusas.

No caso da Ordem de Cister, como vimos, grande parte dos mosteiros femininos foi fundado sobre edifícios existentes, quer pertencentes a outras ordens religiosas quer pertencentes a comunidades de beatas. Para a análise das características de localização destes mosteiros não se pode ignorar este aspecto, na medida em que - apesar de podermos pensar que para a aceitação de edifícios existentes as características dos locais onde estes se encontravam fossem também ponderadas - apenas nos casos em que o edifício foi construído de raiz para receber religiosas cistercienses a escolha do sítio foi efectuada no seio da ordem. Conforme referimos, o Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Tavira não pertence a este grupo. Ou seja, foi fundado num edifício que pertencia a freiras de Santa Clara. Vejamos como.

A iniciativa da construção de um convento feminino em Tavira remonta ao reinado de D. João II. Este monarca teve a intenção de fundar uma casa feminina numa das alas do Hospital do Espírito Santo em Tavira. Em carta régia datada de 1495, o seu sucessor, D. Manuel, voltou a ordenar a fundação do convento, fazendo referência à vontade de D. João II. Três anos depois, mandou que se prestasse toda a ajuda necessária a D. Brites Pacheco, natural e moradora em Tavira, para fundar a dita casa. Finalmente, em 1509, concretizou-se a fundação do convento para freiras de Santa Clara em Tavira. Não se sabe porém se estas religiosas chegaram a habitar o convento. Sabe-se no entanto que as obras ficaram concluídas em 1528 por intervenção do Bispo de Silves D. Fernando Coutinho, sendo a sua irmã, D. Branca Coutinho da Silva, a primeira abadessa. Dois anos depois, a casa foi entregue pelo bispo à Ordem de Cister, adoptando a designação de Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade.

Este facto é comprovado quer por fontes cartográficas quer por fontes documentais. Na planta da cidade de Tavira da autoria de Leonardo di Ferrari (fig. 1) - que apesar de datada de 1645 se refere à cidade do século anterior - este edifício surge identificado como “*S. Clara*”. E num documento de um livro-tombo de 1675 do Hospital do Espírito Santo em Tavira, transcrito por Damião Augusto de Brito Vasconcelos pode ler-se:

“não pareça equivocação ou engano mas verdade certa de que o dito Rei fundou este convento para freiras de Santa Clara em Tavira cuja instituição se mudou depois que fez doação d'elle às ditas monjas de São Bernardo” (VASCONCELOS 1999: 222).

Desconhecem-se os contornos desta alteração, no entanto, o facto de pelos mesmos anos ter sido fundado por D. Leonor, mulher de D. João II, um convento de freiras clarissas em Faro poderá estar relacionado com este episódio. Fundando-se um convento de clarissas em Faro, ter-se-á desistido da casa de Tavira que foi depois entregue à Ordem de Cister. Assim, foi para a constituir um convento de freiras de Santa Clara que se procedeu à determinação do sítio onde implantar o edifício. Por essa razão é no contexto da família franciscana, e particularmente do seu ramo feminino, que a análise das razões que determinaram a localização desta casa regular deve ser efectuada.



Fig. 1
Planta de Tavira, incluída em “Plantas de diferentes Plazas de Espana, Itália, Flandres y las Indias” de Leonardo di Ferrari (1645).
Arquivo Militar de Estocolmo (o Convento de Santa Clara, depois Mosteiro das Bernardas, está localizado no lado esquerdo)

As ordens mendicantes, ao contrário das monásticas, procuraram os aglomerados urbanos para se instalarem. Em Portugal, começaram por se fixar, no início do século XIII, em pequenos ermitérios em locais relativamente afastados dos centros urbanos. Depois dirigiram-se para as principais cidades e vilas, construindo aos seus conventos na proximidade dos espaços urbanos (MARADO 2015). As primeiras fundações de freiras de Santa Clara em Portugal, reproduzindo tal como as dos frades menores a origem eremítica de São Francisco e de Santa Clara, localizaram-se também em locais afastados dos centros urbanos. Os primeiros conventos foram fundados em sítios isolados, perto de

Lamego e em Entre-os-Rios. Alguns anos depois transferiram-se para junto de núcleos urbanos. O primeiro foi trasladado para Santarém e o segundo para o Porto, onde existiam conventos franciscanos.

De uma forma geral, podemos dizer que em Portugal os conventos de clarissas seguiram a distribuição territorial dos frades menores. Fundados a partir da segunda metade do século XIII, e com particular ênfase no século seguinte, a grande maioria destas casas surgiram em aglomerados onde já existia um convento franciscano. Em Lisboa, Santarém, Évora, Porto, Coimbra, Beja, Guarda, Setúbal, Portalegre e Estremoz podemos encontrar “pares” de casas franciscanas fundados entre os séculos XIII e XV. Uma tendência que parece ter continuado pelo menos no século seguinte. Em Tavira podemos encontrar precisamente este padrão. Ao Convento de São Francisco fundado no início do século XIV seguiu-se a fundação de uma casa de clarissas no final do XV.

As razões que terão determinado a procura dos aglomerados urbanos por parte das freiras prendem-se não só com questões de protecção, como também de sobrevivência económica, uma vez que estas estavam também sujeitas aos votos de pobreza e não tinham, como os frades, outros meios para garantir os seu sustento. O facto de se instalarem na urbe garantia-lhe mais facilmente apoios e patrocínios. Por último, e tal como referimos, a necessidade de assistência espiritual determinava ainda a existência de um convento de franciscanos nessa mesma localidade como um factor necessário para concretizar a fundação. O episódio originado pela fundação da casa de clarissas de Faro ilustra bem esta dependência (MARADO 2006: 33). Nesta cidade, depois de fundado o Convento de Nossa Senhora da Assunção, D. Catarina, mulher de D. João III, solicitou aos frades capuchos da Piedade, detentores de uma casa em Faro, que tomassem sob sua responsabilidade o convento das freiras. Como os frades não aceitaram, procedeu-se à sua transferência para o convento de observantes de Portimão, tendo estes religiosos vindo para Faro “para que [estes] tivessem o governo das monjas” (MONFORTE 1696: 333).

Por outro lado, relativamente à localização do edifício no espaço urbano, a influência dos fundadores e doadores parece ter sido determinante, dado que eram estes que através da doação de casas ou terrenos para a construção dos edifícios determinavam a sua localização (ANDRADE 2011: 132 e ALVES 2013: 155-157). A este factor juntava-se ainda a necessidade da proximidade ao convento franciscano existente na cidade. A maioria dos casos que atrás referimos parece comprovar esta “regra”. Tanto em Santarém como em Évora e em Coimbra, os conventos das clarissas localizaram-se na proximidade das casas dos frades menores. Também em Lisboa, o Convento de Santa Clara foi inicialmente fundado na proximidade do Convento de São Francisco da Cidade, nomeadamente no Largo da Trindade, só depois foi transferido para o outro lado do recinto amuralhado.

Em Tavira, o Convento de Santa Clara teve inicialmente a sua fundação prevista, por determinação de D. João II, para uma das naves da Casa do Hospital do Espírito Santo que se situava no adro do Convento de São Francisco (VASCONCELOS 1999: 222). Em 1492, D. João II doou ao convento a água da fonte da Atalaia situada a nascente da do convento dos frades, no local onde as freiras se vieram a instalar. O convento feminino foi assim construído a uma distância de cerca de 500 m do convento masculino, garantindo desta forma o afastamento mínimo entre casas religiosas

estabelecido pelas determinações papais (MARADO 2015).

O edifício ficou situado a sudeste do núcleo urbano por detrás da Ribeira, junto à Ermida de São Sebastião. O conjunto conventual delimitou uma área quadrangular e no lado virado à cidade localizou-se a igreja, com cabeceira orientada a nascente, cuja fachada “pseudo-frontal” desenhou a “frente” do convento, onde se situa um dos seus elementos mais emblemático, o portal manuelino (fig. 3). Na planta de Ferrari (fig. 1), ainda com a designação de Santa Clara podemos ver representados os três corpos da igreja (capela-mor, igreja de dentro e igreja de fora), a ala poente e o limite da cerca. Posteriormente foram construídas as restantes alas, o claustro, e acrescentada a cerca.

Estes foram os dois primeiros conventos fundados em Tavira, aos quais se juntaram outros quatro no decorrer do século XVI e nos seguintes. Em 1542 os Eremitas de Santo Agostinho instalaram-se no espaço intramuros, sob a antiga judiaria onde fundaram o Convento de Nossa Senhora da Graça. Em 1606, os Eremitas de São Paulo edificaram o Convento de São Paulo na outra margem do rio. Alguns anos depois, deu-se início à construção do Convento de Santo António sensivelmente a meia distância entre os franciscanos e as monjas. Finalmente, no século seguinte, em 1745, foi fundada a última casa regular da cidade, o Convento de Nossa Senhora do Carmo de carmelitas descalços, no único sector da cidade que se encontrava disponível, na margem esquerda do rio, a nascente do Alto de São Brás.

Foi nesta sequência que se constituiu o sistema conventual que envolveu toda a cidade e onde o mosteiro cisterciense se incluía (MARADO 2010: 106-117). Este edifício, juntamente com o dos capuchos e o dos franciscanos, marcou o limite sudeste da Tavira. A representação de Alexandre Massay, realizada em 1621, traduz precisamente esta ideia de fronteira entre o espaço urbano e o rural (MARADO 2010: 113). Este autor, ao representar a *Barra de Tavira* situada junto à cidade, desenhou estes três complexos conventuais como definidores do seu limite. Da mesma forma, no *Prospecto da cidade de Tavira, tirado do pé da casa da bateria do Registo*, da autoria de José Sande de Vasconcelos, datado de 1797, podemos ver o conjunto dos edifícios conventuais a delimitar a cidade (QUEIROZ 2010: 204). O extremo nascente desta fronteira é claramente marcado pelo imenso volume do Mosteiro das Bernardas que, ao contrário dos outros, se mantém ainda isolado.

Ainda que inserido na estrutura urbana, esta imagem de isolamento manteve-se durante os séculos seguintes, para tal muito contribuiu a zona de salinas onde este se localiza (fig. 2). Ao longo do século XX consolidou-se a área urbana existente na frente da sua fachada norte ao longo da Rua das Freiras que arranca da zona ribeirinha e termina no mosteiro. Finalmente a urbanização do Largo da Atalaia, delimitado a nascente pelo Convento das Bernardas e a sul pelo Convento de Santo António dos Capuchos, veio concluir a ocupação de toda esta zona. A antiga casa cisterciense, depois de ter funcionado como fábrica, foi transformada em condomínio habitacional. Hoje, o edifício encontra-se completamente inserido na malha urbana mas mantém ainda, no seu lado nascente, uma relação privilegiada com o espaço natural.



Fig. 2 e 3
Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade,
vista nascente e portal da igreja (antes
das obras de reabilitação)

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ana (2013). *Clausura, arquitetura e cidade. Inserção urbana dos conventos femininos da Província dos Algarves*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. Portimão: Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

ANDRADE, Maria Filomena Pimentel de Carvalho. *In oboedientia, sine proprio, et in castitate, sub clausura: A Ordem de Santa Clara em Portugal (séc. XIII-XIV)*. Tese de Doutoramento em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa

COCHERIL, Dom Maur (1978). *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português

GOMES, Saul (2004). “Acerca da origem social das monjas cistercienses de Santa Maria de Cós (Alcobaça) em tempos medievos”. In *Revista Portuguesa de História*, T. XXXVI - 1 (2002-2003), Coimbra, pp. 141-160

JORGE, Virgolino Ferreira (1999). Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal: Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas. *Revista Cistercium*. ano LI, Outubro-Diciembre, nº 217.

MARADO, Catarina Almeida (2006). O destino dos antigos espaços conventuais da cidade. In *Monumentos*. n.º 24, pp. 32-41

MARADO, Catarina Almeida (2010). A cidade, os conventos e as suas hortas. In QUEIROZ, Jorge

(org.). *A cidade e os mundos rurais. Tavira e as sociedades agrárias*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, pp. 106-117.

MARADO, Catarina Almeida (2015). “Sharing the city: the establishment of mendicant houses in Portuguese medieval towns”, In *The Journal of Medieval Monastic Studies*, 4

MARTINS, Ana Maria Tavares Ferreira (2011). *As arquitecturas de Cister em Portugal: A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território*, Tese de doutoramento. Sevilha: Universidad de Sevilla, Sevilla.

MONFORTE, Frei Manoel de (1696). *Chronica da Provincia da Piedade: primeira capucha de toda a Ordem & Regular Obfervancia de noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Lisboa: ed. Officina de Miguel Deslandes

QUEIROZ, Jorge (org.) (2010). *A cidade e os mundos rurais. Tavira e as sociedades agrárias*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

VASCONCELOS, Damião A. B. (1999). *Notícias Históricas de Tavira (1242-1840)*. Tavira: ed. Câmara Municipal de Tavira.